

*Nascentes***PATRIARCADO E VIOLÊNCIA EM ARLETE NOGUEIRA DA CRUZ:  
COLONIALIDADES DE GÊNERO NO ROMANCE *COMPASSO BINÁRIO****Deyse Brito\***Cristiane Navarrete\*\**

**RESUMO:** Este trabalho busca explicitar, a partir da teoria decolonial, dogmas e preceitos opressivos que circunscrevem a relação dominador x dominado, que advém de forma muito semelhante à relação colonizador x colonizado, explicitando que mesmo na ausência da política colonial, arrasta-se pelo mundo moderno, a existência da colonialidade. Pensando em como essas questões incidem no meio literário, busca-se fazer uma análise de da obra *Compasso binário* (1972), de Arlete Nogueira da Cruz, a qual é costumeiramente marginalizada, tanto por ser escrito por mulher, quanto pelas questões que envolvem tabus, retratando o patriarcado opressivo e violências contra o corpo feminino, incidindo assim na colonialidade de gênero. Desse modo, este trabalho explicita a análise das personagens Baianinha e Natália, sendo uma prostituta e a outra estudante e estagiária de medicina, e conseqüentemente fazem parte de diferentes alas da sociedade ludovicense, no entanto as personagens têm suas vidas cruzadas na narrativa a partir da dominação masculina e da violência. Assim, parte-se do objetivo geral de realizar uma leitura analítica sob a abordagem da decolonialidade do romance maranhense *Compasso binário* (1972) da escritora Arlete Nogueira da Cruz; quanto aos objetivos específicos tem-se o intuito de verificar como o romance *Compasso binário* se relaciona com os aspectos que reverberam a colonialidade de gênero; e, analisar como as situações de dominação pater-colonial que são problematizadas na narrativa. Para tanta são utilizados os estudos de Lugones (2008), Maldonado-Torres (2016), e Mignolo (2017).

**PALAVRAS-CHAVE:** Patriarcalismo; Violência; Colonialidade Gênero; Arlete Nogueira da Cruz; Compasso Binário.

**Introdução**

A literatura, principalmente o romance, acaba por registrar manifestação de valores e práticas socioculturais, de forma que extrai situações e contextos de seu tempo histórico e de seu contexto social que fazem parte da identidade e da cultura de um povo. Dessa forma, o texto literário mostra-se com dupla função: o deleite da leitura e de reflexão da função social.

Pensando na influência dialética que a historicidade pode exercer dentro de uma cultura e é refletida também no âmbito literário, a partir da teoria antropológica-social da decolonialidade, este trabalho se propõe a pensar como a hierarquia entre dominadores x dominados advém do arquétipo colonizador x colonizado, o que leva a consistência da

---

\* Mestranda em Letras pela Universidade Federal do Maranhão (Ufma).

\*\* Doutora em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (Usp). Professora adjunta III da Universidade Federal do Maranhão (Ufma).

colonialidade mesmo na ausência da política decolonial, produzindo relações de opressão que abrangem questões de raça, gênero, classe, sexualidade, entre outras.

Partindo dessa perspectiva pode-se perceber como a literatura como um todo é constituída majoritariamente pelo padrão de homem, burguês e da elite, remontando a aspectos eurocentrados que demonstram relações de colonialidade que são fecundos na sociedade e transpassam a esfera do âmbito literário. Pensando no desmonte desse padrão centralizado, traz-se para o cerne deste estudo o desvelamento da autoria feminina especificamente maranhense, analisando a obra *Compasso binário* de Arlete Nogueira da Cruz, sendo ela uma escritora ainda pouco reconhecida e estudada a tratar de questões que se constituem como tabus, além de problematizar opressões e violências que perpassam o corpo feminino, as quais se dão pela *colonialidade de gênero*.

A leitura decolonial no romance *Compasso binário* possibilita perceber as complexas relações que envolvem o fato histórico da colonização e como essa conjectura implica na construção das personalidades, dos valores, e das noções de dominação e subserviência que ainda são presentes na nossa sociedade atualmente, como uma espécie de herança histórica, principalmente no que diz respeito as relações de gênero e potencializações do patriarcado.

Ao apresentar duas histórias de mulheres que fazem parte de realidades paradoxais, mas que têm suas vidas entrecruzadas pela violência, dominação e objetificação de seus corpos, Arlete Nogueira traz para a narrativa aspectos que apresentam atitudes de desumanização para com os seres colonizados no que refere principalmente a violação contra as mulheres que fogem do padrão do colonizador. Dessa forma, devido à importância dada às personagens femininas no romance *Compasso binário*, especificamente, as protagonistas Baianinha e Natália, nosso interesse é analisar as situações em que se percebem os sujeitos sob as diversas situações de opressão e violência presentes na narrativa, pensando principalmente as questões de raça e gênero, fazendo com que se torne evidente as práticas que promovem a perpetuação da colonialidade do ser e do poder.

Para tanto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo em que se parte do objetivo geral de realizar uma leitura analítica sob a abordagem da decolonialidade do romance maranhense *Compasso binário* (1972) da escritora Arlete Nogueira da Cruz; e quanto aos objetivos específicos, tem-se o intuito de verificar como o romance *Compasso binário* se relaciona com os aspectos oriundos da colonização, uma vez que se trata de um romance moderno; refletir sobre a relação de herança da colonialidade do ser e do poder no romance; e, analisar como as situações de dominação colonial e principalmente de aspecto patriarcal são problematizadas na narrativa.

## Teoria decolonial e a evidência da colonialidade

Falar-se em colonização no século XXI, a primeiro momento pode parecer uma discussão estagnada e voltada para o passado, no entanto, analisando nossa sociedade, pode-se perceber que ainda carregamos diversas lógicas e representações do período colonial, por isso a necessidade da decolonização, isto é, livrar-nos das amarras de opressão que se desenvolvem em diversos setores que herdamos do período colonial. Maldonado-Torres afirma que:

decolonialidade como um conceito oferece dois lembretes-chave: primeiro, mantém-se a colonização e suas várias dimensões claras no horizonte de luta; segundo, serve como uma constante lembrança de que a lógica e os legados do colonialismo podem continuar existindo mesmo depois da colonização formal e da conquista da independência econômica e política. (MALDONADO-TORRES, 2018, p.32)

A colonialidade é uma marca preeminente da modernidade, tendo em vista que, a partir do processo de colonização e seus ideais de civilização e progresso, eram efetuadas barbaridades contra os povos não europeus, os quais eram animalizados e inferiorizados, o que fez com que emergisse toda a violência estrutural que ainda existe na atualidade.

Enquanto o discurso progressista ainda se perpetua, a colonialidade persiste pondo em voga questões de soberania racial, de gênero, de classe, de trabalho, entre outras, que segregam e oprimem os indivíduos fora dos padrões eurocentrados dominantes. Eis o que o Mignolo (2017) chama de “pauta oculta” da modernidade: o fato de essa andar junto com a colonialidade, no entanto, celebra somente suas glórias e ignora seus crimes, isto é, as diversas transgressões cometidas são encobertas pelas conquistas do mundo capitalista-moderno.

Partindo desses preceitos, a colonialidade na modernidade se desdobra nas esferas de experiência e qualidade de vida (ser), constituição de saberes ou opiniões válidas (saber) e sobre a ordem econômica e política que se estrutura (poder). Essas questões apontam para como o eurocentrismo afeta o Sul Global, de forma que se pensa essa problematização teórica, principalmente, com olhar para a América Latina e as violências simbólicas e epistêmicas específicas dessa localidade, que se desdobram em diversas áreas da realidade social.

E assim, o fenômeno da colonialidade demonstra como o Sul Global é impactado pelos dogmas eurocentrados, os quais apontam para uma sociedade heterogênea e conflitiva que pressupõe a inferiorização de um grupo em detrimento de outro. A problematização que estrutura a relação entre privilegiado/marginalizado, colonizador/colonizado implica o que Quijano (2005) denomina de “matriz colonial de poder” a qual se desdobra em domínios inter-relacionados da vida social que vão desde o controle da economia, à autoridade, o gênero, sexualidade etc.:

Toda estrutura de poder é sempre, parcial ou totalmente, a imposição de alguns, frequentemente certo grupo, sobre os demais. [...] Em outros termos, do modo como foram configuradas as disputas pelo controle do trabalho, seus recursos e produtos; do sexo, seus recursos e produtos; da autoridade e de sua violência específica; da intersubjetividade e do conhecimento. (QUIJANO, 2005, p. 130)

Dito isso, podemos observar como em nossa sociedade ainda são perpetuadas diversas lógicas da colonialidade que são refletidas dentro da ficção e do âmbito literário, de forma que isso se pontua diante da literatura maranhense de forma muito enfática. A literatura maranhense a qual é marcada por valores “tradicionais” e “identitários” que privilegiam personalidades e obras de moldes eurocentrados, tendo em vista que a alcunha de *Athenas Brasileira*<sup>1</sup> alcançada no século XIX possui grande impacto para a cidade de São Luís e promove um apego ao passado alcançado pelos poetas do *Grupo Maranhense*, o que faz com que muitos escritos posteriores que fogem da padronização que compunha o grupo sejam esquecidas e invisibilizadas.

É provinda dessa percepção que se propõe a leitura decolonial numa obra maranhense, partindo especificamente do romance *Compasso binário* de autoria feminina na figura da escritora Arlete Nogueira da Cruz, pensando a relação da colonialidade do ser e do poder, centrada nas questões de gênero - uma vez que além de ser trazida a autoria feminina, a trama se desenrola a partir de duas personagens femininas principais -, e acaba por abranger também questões de raça, classe e trabalho, atentando para as constituições patriarcais e opressivas que descendem do colonialismo, que mesmo trazidos por uma escritora de pele branca, muito trabalha as relações hierárquicas, tratando principalmente a violência contra o corpo feminino.

A leitura decolonial no romance *Compasso binário* possibilita perceber as complexas relações que envolvem para além do fato histórico da colonização, a colonialidade presente no coletivo, o que implica como essa conjectura interfere na construção até mesmo das personalidades, dos valores, e das noções de dominação e subserviência presentes na nossa sociedade - como uma espécie de herança histórica -, e se aproximam das histórias individuais de Baianinha e Natália: uma sendo prostituta e a outra estudante de medicina e estagiária têm suas vidas cruzadas na narrativa a partir da dominação masculina e da violência. Devido a essa abordagem, faz-se importante tratar da colonialidade ligada ao gênero e o reforço teórico que trabalha especificamente essa questão, o que será discutido no tópico a seguir.

---

<sup>1</sup> Epíteto advindo dos méritos literários conquistados pelo *Grupo Maranhense*, ecoando por todo o território nacional e num tempo em que a eclosão do Romantismo, simultaneamente a nossa independência política, vem a emancipar a literatura maranhense. (CORREIA, 2015, p. 30).

## Colonialidade de gênero e feminismo decolonial

No romance *Compasso binário* há o entrecruzamento entre as personagens Baianinha e Natália. Cruz traz, a partir de Baianinha, o retrato da prostituição e humilhação, enquanto na personagem Natália, o desejo por ascender socialmente de forma independentemente numa profissão prestigiada, o que não lhe inibe de sofrer as sombras do colonialismo e da violência. Ao exibir tais personagens e situações em sua narrativa, mesmo sendo uma mulher branca, a escritora mostra sua empatia aos problemas e a violência que se mostram mais acentuados para as mulheres negras, de forma que se chega a um ponto de suma importância para a discussão decolonial: a questão de gênero pensando a ligação com a raça.

Para tratar dessa questão, é importante destacar como o patriarcalismo propõe formas de manter a mulher submissa, sob premissas que fazem com que isso seja visto com naturalidade. Pateman (1933) aborda que existem contratos sociais para que o homem tenha facilidades para tomar o corpo feminino como posse, sendo assim uma via de mão dupla que enquanto favorece os homens, sujeita as mulheres pensando tanto os aspectos sexuais quanto os sociais, o que implica a afirmação de que se vivencia uma sociedade patriarcal:

A dominação dos homens sobre as mulheres e o direito masculino de acesso sexual regular a elas estão em questão na formulação do pacto original. O contrato social é uma história de liberdade; o contrato sexual é uma história de sujeição. O contrato original cria ambas, a liberdade e a dominação. A liberdade do homem e a sujeição da mulher derivam do contrato original e o sentido da liberdade civil não pode ser compreendido sem a metade perdida da história, que revela como o direito patriarcal dos homens sobre as mulheres é criado pelo contrato. [...] O pacto original é tanto um contrato sexual quanto social: é sexual no sentido de patriarcal – isto é, o contrato cria o direito político dos homens sobre as mulheres -, e também sexual no sentido do estabelecimento de um acesso sistemático dos homens aos corpos das mulheres. (PATEMAN, 1993, p. 16-17)

Embora Pateman não trate das questões de gênero ligadas a raça e não esteja circunscrita ao grupo latino-americano, seus postulados são basilares para que se pense o a objetificação da mulher dentro de uma sociedade patriarcal que oferece situações legais ou mesmo que encara circunstâncias de violência contra a mulher com legalidade devido aos pactos e contratos que reverberam na sociedade. Mesmo que a filósofa não seja uma feminista decolonial, suas ideias sugerem, em partes, a colonialidade do ser, devido por em voga a questão da subordinação da mulher por ser mulher.

Passando para uma visualização específica da América-Latina a antropóloga Lélia Gonzalez, antes mesmo da criação do grupo Modernidade/colonialidade, já apregoava a necessidade de se olhar especificamente para as questões raciais e sexuais, na tentativa de buscar pelo que ela chamou de “feminismo-afrolatino-americano”, sendo assim a percussora do pensamento feminista decolonial. Ela propõe:

É importante insistir que no quadro das profundas desigualdades raciais existentes no continente, se inscreve, e muito bem articulada, a desigualdade sexual. Trata-se de uma discriminação em dobro para com as mulheres não brancas da região. (...) O duplo caráter da sua condição biológica – racial e sexual – faz com que elas sejam as mulheres mais oprimidas e exploradas de uma região de capitalismo patriarcal-racista dependente. Justamente porque este sistema transforma as diferenças em desigualdades, a discriminação que elas sofrem assume um caráter triplo, dada sua posição de classe. (GONZALEZ, 2011, p.17)

Dada essas camadas extras que implicam uma segregação e opressão mais acentuadas que o feminismo ocidental, não se torna suficiente para atender as questões que envolvem a raça e a discriminação sofridas pelas mulheres negras da América Latina. É evidente que os conceitos e teorias euro-americanas são importantes para a pesquisa de gênero, no entanto, é assumida de uma só vez a categoria “mulher” e sua subordinação como universais. O entrave reside no fato de o feminismo “universal” não conhecer o sistema de colonização que imperou nas colônias latino-americanas e a colonialidade que se perpetua o que faz com que seus interesses não alcancem as particularidades das mulheres e principalmente das mulheres de cor, as quais tem que lidar para além das questões sexistas com a intersecção do fator racista.

Pensando especificamente as mulheres da América latina e a questão colonial que se passou, visualiza-se que a colonialidade nessa localidade acaba por atingir as questões de poder, de raça, de sexualidade, assim como de subjetividade e até mesmo da produção de conhecimento. A necessidade de um feminismo específico para a América Latina advém do fato do modelo de colonização em que foi instituída a distinção hierárquica entre humano e não humano que acompanha a relação entre o colonizador e o colonizado. A diferenciação entre o animalesco e o humano, fez com que as pessoas colonizadas fossem denominadas machos e fêmeas, o que Lugones (2020) chama de diformismo sexual, de forma que as fêmeas colonizadas fossem consideradas “não-humanas-por-mulheres” o que implica não somente parâmetros de dominação, mas de forma ainda mais violenta, acarreta a desumanização.

A desumanização perpetuada por toda a modernidade que produz a opressão nas mulheres subalternizadas nos processos de racialização, colonização e heterossexualidade é nomeada por Lugones de “colonialismo de gênero”, enquanto a possibilidade de superar a colonialidade de gênero é denominada de “feminismo decolonial”, concentrando o trabalho baseado nessa abordagem em perceber a diferença colonial e como as mulheres de cor latino-americanas sofrem a intersecção de raça e gênero:

Na intersecção entre “mulher” e “negro” há uma ausência onde deveria estar a mulher negra, precisamente porque nem “mulher” nem “negro” a incluem. A intersecção nos mostra um vazio. Por isso, uma vez que a interseccionalidade nos mostra o que se perde, ficamos com a tarefa de reconceitualizar a lógica da intersecção, para, desse modo, evitar a separação das categorias existentes e o pensamento categorial. Somente ao perceber gênero e raça como tramados ou fundidos indissolivelmente, podemos realmente ver as mulheres de cor. (LUGONES, 2020, p.60)

A partir dessas questões que se pensa a colonialidade e se propõe uma análise baseada na teoria decolonial do romance, pensando em evidenciar as relações de dominação que pairam sob suas personagens, atentando ao fato de que Natália, que não se atém as amarras patriarcais de ter um marido para sustentá-la, buscando uma vida mais próspera através dos estudos, sai do interior para a cidade e acaba por ser brutalmente estuprada; enquanto Baianinha, que foge dos *script* da mulher branca ideal para casar, entrega-se à vida de prostituta, de forma que no romance são detalhadas as humilhações e objetificações que sofre, além do fato de ser assassinada por negar um de seus clientes, o que evidencia situações de dominação, violência, opressão, e, conseqüentemente, de colonialidade que pairam sobre as duas personagens, o que será explorado no tópico a seguir.

### **Violência e colonialidade de gênero em *Compasso Binário***

O romance, como já sugere seu título *Compasso Binário*, tem uma relação com a teoria musical em que o compasso representa um conjunto de pulsações vibrantes e suaves, enquanto o termo binário refere-se à forma de agrupamento dos tempos, no caso de dois em dois, os quais são caracterizados por uma batida forte e outra fraca (CÔRREA, 2015). O compasso binário serve como metáfora para as personagens do romance, as quais têm vivências totalmente diferentes, poderia se dizer até mesmo opostas, mas que estão em um mesmo grupo o qual está sujeito a objetificação, tendo suas vidas cruzadas pela subjugação patriarcalista que coloniza e violenta seus corpos.

Embora o romance apresente diversos personagens e situações que refletem ações e pensamentos que estabelecem relações que sugerem um dominador/colonizador e os que são dominados/colonizados, a análise que se segue se pauta especificamente nas personagens protagonistas as quais sofrem situações de violências de maneira mais explícita voltada para as questões de gênero, concentrando-se assim nas personagens Baianinha e Natália.

Baianinha, já carrega uma série de estereótipos ao não ser apresentada no romance com nome próprio, mas com um apelido que além de trazer o cerne de uma mulher de cor (tendo em vista que na cidade de Salvador, capital da Bahia, há a maior quantidade de negros e/ou de ancestralidade negra fora do continente africano), sendo trazido no diminutivo

aponta para uma afeição que pode ser explicada pela profissão que exerce: a prostituição. Baianinha exerce sua profissão na pensão *Carmen* que ficava na Zona do Baixo Meretrício, localidade periférica e uma das regiões mais pobres e destituídas de infraestrutura da cidade de São Luís.

Já Natália é uma jovem de origem humilde vinda do interior para morar na capital com o desejo de ascender socialmente por meio dos estudos, alocando-se em São Luís para morar com uma tia em um bairro de classe média. Assim, o romance se passa sendo Natália uma estagiária e ainda estudante de medicina, a qual vive entre os meandros da classe média/classe alta e o atendimento a pessoas humildes no hospital no bairro do baixo Desterro, localizado próximo a ZBM.

O romance inicia-se já com Baianinha desfalecida após ter sofrido a tentativa de assassinato (que posteriormente vem a se culminar) devido ter se negado a ficar com um cliente. Devido a esse acontecimento, ela é encaminhada para o hospital, conhecido por Socorrão, sendo atendida por Natália, já no final de seu plantão.

Centrando a primeiro momento na figura de Baianinha como mulher de cor e prostituta, pode-se relacionar com um ditado popular brasileiro que Lélia Gonzalez (2020) resgata: “Branca para casar, mulata para fornicar, negra para trabalhar”. A partir da frase que repercute como uma herança cultural e social depreende-se que as mulheres de cor são tidas como seres animalizados, que não se enquadram dentro dos moldes de relações sociais-afetivas convencionais os quais estão relacionados à mulher branca e ideal (dona de casa e subserviente ao marido), assim, com sua humanidade abolida, a exploração socioeconômica se faz aliada com a superexploração sexual dessas mulheres.

A partir da hipersexualização dos corpos das mulheres não brancas e as condições sociais as quais estão suscetíveis, que se percebe que embora a prostituição seja uma profissão antiga, nos moldes do nosso tempo/espço acaba por se configurar como um fenômeno da colonialidade ao maximizar e dominar os corpos dessas mulheres, ao mesmo tempo em que as marginaliza e as coloca em um patamar de imoralidade e lascívia.

Pode-se perceber no romance que o estereótipo e o estigma da prostituição os quais são acrescidos ao fato de Baianinha ser uma mulher de cor, fazem com que ela seja vista como um ser imoral, o que reforça a ideia de desumanização, como pode ser percebido no trecho em que após ser atendida por Natália, ela repassa os cuidados para o enfermeiro, o qual profere a seguinte frase: “Para de dizer besteira e cuida logo de conseguir sangue senão essa outra vagabunda aqui vai acabar...” (CRUZ, 1998, p. 175).

Pode-se perceber que o preconceito do enfermeiro causado pela profissão que Baianinha exerce é maior que a empatia e o dever profissional, já que mesmo que a paciente estivesse prestes a morrer, impossibilitada de retrucar sua fala, o que coexiste é a desumanização frente ao fato em que ela precisa de ajuda, uma vez que o que é levado em conta é a percepção de um corpo promíscuo explorado deliberadamente, o que foge do *script* da mulher branca, casta, subserviente a um único homem, sendo assim ela uma mulher desvirtuada, a qual antes de ser uma pessoa em leito de “quase morte” resume-se a uma “vagabunda”.

A mulher de cor já carrega no seu corpo a hipersexualização, mas isso é ainda mais intensificado por se tratar de uma prostituta. Essa mulher sofrendo uma interseccionalidade de raça, de gênero, de condição social e também de profissão - uma vez que existe todo um estigma sobre a prostituição que faz com que a perca de humanidade e objetificação do seu corpo seja ainda mais potencializada -, fazem com que se reverbere a condição de estar submetida a condições de colonialidade de ser e também de poder, tendo em vista que a prostituição não deixa de ser um produto fruto da colonialidade e do capitalismo.<sup>2</sup>

Sobre a violência direta que sofre, devido Baianinha já entrar no romance após o incidente e assim não poder contar como aconteceu, são suas colegas de profissão que fazem o relato do fato, como consta no seguinte excerto: “Eu estava perto e vi tudo: ela conversava com um morenã atarracado quando ele apareceu... Eu também vi: atirou em Baianinha só porque ela não vinha mais querendo ele...” (CRUZ, 1998, p. 205).

Diante do patriarcalismo e dos pactos sociais-sexuais que reverberam, Pateman (1993) aponta que além do casamento como forma de fácil acesso ao corpo da mulher, a prostituição seria também uma forma de contrato em que as prostitutas estão em condição de fácil acesso para qualquer um que pudesse pagar pelos seus serviços, de modo que se garantiria tal como uma transição comercial capitalista qualquer.

O feminicídio que sofre Baianinha aponta como um indivíduo sendo mulher, de cor, pobre e prostituta não poderia ter o direito de escolha nem mesmo se atenderia ou não um cliente dada a sua profissão. Todas essas questões se interseccionam apontando para um patriarcalismo racista e preconceituoso dentro de um sistema capitalista que ressalta essa mulher como apenas um corpo a ser explorado por quem desejar explorar, e quando ela quer ter esse direito de escolha, lhe é retirado um outro ainda maior: o da própria vida.

---

<sup>2</sup> Hooks (2014) aponta em *Não sou eu uma mulher: mulheres negras e feminismo* o percurso da prostituição que se inicia no período colonial quando as escravas negras passam a ser abusadas de forma que teriam que aceitar como direito e privilégio de quem estava no poder. As que se submetiam passivamente eram recompensadas com presentes. Além de que havia a justificativa, segundo a óptica do colonizador que as mulheres negras eram cheias de lascívia e que provocavam a violação.

Tal fato abordado no romance reflete como a colonização e dominação da mulher de cor, contando ainda com outras intersecções que acabam por reforçar, é muito presente e até mesmo tida como natural socialmente, de forma que para evidenciar a violência e a prática criminosa, é importante evidenciar como o pensamento colonial, especificamente de gênero que abrange o ser e o poder, ainda percorre a atualidade.

A outra protagonista Natália, como já mencionado, adentra a história devido ao atendimento que faz a Baianinha. Por mais que Natália seja uma jovem de origem humilde, é inegável como sua figura no posto de ascensão a médica, faz com que ela seja de uma estirpe social muito mais privilegiada que a de Baianinha, mas mesmo nessas condições, Natália na sua condição de mulher ainda vive sob uma áurea de objetificação máscula, como se pode perceber no episódio que se segue.

Natália de saída do hospital após finalizar um de seus plantões (e o atendimento de Baianinha), recebe carona de um amigo, chamado Rui, que passava no local na hora. Devido ao horário que julgou já avançado, ela decide ficar na casa de sua amiga e conterrânea Raquel para passar a noite, tendo em vista que se situava numa localização mais próxima. O entrave que também é a deixa que revela as pretensões de Rui sobre Natália diz respeito ao fato de na casa de Raquel funcionar um bar, assim há o seguinte diálogo:

— Vamos até meu apartamento. Você aproveita e pega seus livros.  
Aquele proposta feriu a dignidade de Natália: não esperava por ela. Olhou-o, submetendo-o a uma espécie de indagação, pra crer de fato como tinha sido possível aquela coragem dele. Por fim, disse pacientemente: — Não, Rui. — Por quê?  
Natália não respondeu [...] -Responda: por quê? Natália não respondeu (CRUZ, 1998, P. 179-180).

O convite nada desprezioso de Rui uma vez mais reflete a ideia de patriarcado e do pacto social e sexual, já que pelo fato de Natália aceitar a carona e a companhia de Rui no bar, faz com que ele acredite que pode ter acesso ao seu corpo, tendo em vista que chamar Natália para passar a noite em seu apartamento, implica nas entrelinhas a consumação do ato sexual.

Assim, percebe-se que o corpo feminino é desejado/objetificado, o que remete a sujeição da mulher por ser mulher, e pelo simples fato de ele ser homem isso garantiria algum benefício, tendo em vista que para os dominadores/colonizadores é como se com a dominação eles ainda estivessem a prestar um favor (tanto que a colonização no sentido mesmo do termo sugere civilização e progresso), o que de forma muito semelhante acontece com a questão de gênero problematizada no romance.

O personagem masculino oferece falsamente a sensação de segurança ao convidá-la para seu apartamento para que ela não fique em um bar, mas na verdade por trás disso há a

intenção de dominar o seu corpo, de modo que o pensamento patriarcal e colonial que se entrava no desejo é tão enraizado que faz com que ele acredite que sua ideia é algo natural, tanto que ele insiste frementemente no convite, o que ela ao se dar conta da finalidade premeditada sente-se ofendida e nega.

Diante do fato de Natália ter optado por passar a noite na casa de sua amiga, um outro acontecimento vem a culminar na violência direta e explícita que sofre a personagem, o qual emerge devido ao ataque que havia acontecido anteriormente a Baianinha. Pedro, marido de Raquel, estava na pensão *Carmen* tentando um entendimento com Baianinha quando o incidente aconteceu, devido à confusão e o assassinato que se sucedeu, não foi possível que Pedro se desse por “satisfeito”, assim, no ímpeto de ficar com uma mulher que não fosse sua esposa e ao ver Natália em sua casa acaba por violentá-la:

— Não, Pedro! — disse, com aflição, levantando-se. E, vendo-lhe sentou-se na cama, saltando-a, desejando chegar a porta do quarto para sair (...) ia sendo subjugada até que, afinal, foi completamente vencida. (...)

Pedro, depois já de pé vestindo a calça, sentia os dedos o maço de cédulas dentro do bolso, o mesmo que levava à Carmen e que seria de Baianinha (...)

Na porta, decidiu-se: puxou o maço de dinheiro e jogou-a a cama (CRUZ, 1998, p.238-239).

O episódio que culmina no infringir o corpo de Natália através do estupro evidencia a resignação que a mulher está sujeita dentro de uma sociedade patriarcal/colonial que toma posse dos corpos das mulheres mesmo fora do que fora discutido como contratos, utilizando como meio a violência.

Tendo em vista que Pedro teve acesso ao corpo de Natália fora dos pactos convencionais (como casamento, prostituição, etc.) ele destitui-se do papel de oferecer algo em troca. Sendo que ele não possui problemas psíquicos e nem é um predador sexual (justificativas frequentes para quem comete esse tipo de crime), por não se tratar de uma operação capitalista consensual e nem poder oferecer a “segurança” a qual é associada ao matrimônio, sendo ele um cidadão de “bem”, o meio de troca que ele oferece após violentar Natália é o dinheiro que deixa, como uma forma de compensá-la e de colocá-la no papel de mulher que vende seu corpo.

A violência descrita no romance é intensificada devido ao fato de Natália ser uma mulher virgem, descrita como “uma pessoa tão frágil e delicada” (CRUZ, 1998, p. 237), no entanto, ela desvirtua-se da mulher ideal subserviente: ela não é casada e busca sua própria independência. A personalidade de Natália aponta para uma via de mão dupla que o pensamento de colonização de gênero pode opinar ao seu favor tendo em vista que ainda era uma mulher pura, mas devido a ser uma mulher independente dormindo fora de casa, pode-se

entrar em questão se não seria ela mesma que se insinua, sendo a própria culpada pela violência. Tal culpabilidade da vítima é algo tão comum que já se tem um nome próprio para referir-se a isso: a cultura do estupro. O aspecto da cultura do estupro aparece no romance dentro da própria família de Natália, em que ela suscita na figura da tia:

Natália estava vendo a tia:  
 — Não te disse? Eu te avisei dessas dormidas fora.  
 — Oh, minha tia, eu não tive culpa, acredite que não tive a menor culpa.  
 — Como não? – ouvia a tia, insistindo.  
 [...]
   
 — Eu sabia que isso de dormir fora ia acabar assim! (CRUZ, 1998, p. 247)

Embora o estupro seja uma prática antiga, sendo retratados casos desde o Antigo Testamento nos anos a. C., a prática e suas causas assim como sua representação para os corpos femininos ganham uma nova roupagem a partir do fenômeno da colonização. Bell hooks (2014) aponta que durante o período colonial, enquanto a mulher branca era pura, a mulher negra era frequentemente vítima do assalto sexual justificado pelo mito de as mulheres negras serem ludibriosas, apontando a culpa para a vítima.

Desse modo, percebe-se que a cultura do estupro faz parte do *ethos* da colonialidade de gênero, a qual por meio de valores sexistas e racistas põe a mulher num lugar de sujeição e objetificação de seus corpos, em que seus agressores/dominadores/colonizadores não aparecem com a culpabilidade tal qual o seu ato, mas com justificativas pautadas em sempre colocar a mulher numa posição de subserviência a medida que o homem se ergue como detentor da legalidade e poder.

A partir das análises tecidas, nota-se como a colonialidade perpassa e ocasiona violências contra o sujeito feminino no campo simbólico e também no corporal, em situações criminosas que se convencionaram como naturais, ou ainda de culpabilização da vítima, o que reverbera a relação de dominador x dominado e aponta como o patriarcado é potencializado pelas formas de colonialidade que deixam a mulher de cor mais vulnerável e suscetível às opressões. Assim, essa discussão e temáticas trazidas no bojo de *Compasso Binário*, embora esteja no campo ficcional, são de suma importância para que repensemos muitos preceitos que sugerem a sujeição e violação da mulher de cor que se naturalizaram em sociedade.

### Considerações finais

Compreendeu-se ao término deste trabalho que a colonização deixou diversas marcas e feridas em nossa sociedade que fazem com que sejam perpetuadas relações entre dominados/dominadores e/ou colonizados/colonizadores em diversas áreas sociais, sendo a colonialidade de gênero uma das grandes pautas repercussivas, de forma que a leitura decolonial

busca evidenciar abusos que acabam sendo vistos com normalidade, dadas as raízes coloniais que reverberam e tem raízes profundas.

Dessa forma este trabalho utiliza a abordagem decolonial ao fazer uma revisão historiográfica ao revisitar Arlete Nogueira da Cruz, uma grande escritora das letras maranhenses, mas que, infelizmente, não tem reconhecimento tal qual ela merece, além de explorar assuntos de violência direta que acontecem com as personagens femininas dentro do romance *Compasso Binário*.

Pode-se perceber que as intersecções de gênero, raça, condição social e trabalho que circunscrevem Baianinha, fazem com que ela seja vista sob a animalização de um corpo lascivo a ser explorado, deixando-a numa situação de vulnerabilidade que implica a dominação masculina que se impõe de tal forma que devido a ela ser prostituta, ao decidir negar um homem, ele como ser másculo e dominador, sente-se no direito de lhe negar o direito fundamental que é o da própria vida.

Por outro lado, mesmo que se faça parte de uma estirpe social mais privilegiada, isso nada impede com que se seja vítima da colonização do corpo, que no caso de Natália, durante o romance sofre a ameaça do patriarcalismo pautada em contratos sociais-sexuais (com Rui) e na violação direta e não consentida (que acontece com Pedro).

Diante de tais situações, pode-se perceber como a colonialidade de gênero é algo presente na situação atual de formas diversas que o romance muito representa o que se torna enfático também devido ao fato de que mesmo que se problematizem crimes bárbaros (feminicídio e o estupro), reflete-se sobre a relativização e até mesmo sobre a culpabilidade da vítima, o que aponta como o pensamento colonial não é apenas de quem pratica as violações diretas, mas também para os que estão fora da situação e compactuam com os dominadores/colonizadores.

Tendo em vista tais questões, cumpriu-se com os objetivos que foram estabelecidos no início do trabalho de se fazer uma leitura decolonial do romance maranhense *Compasso binário* (1972) da escritora Arlete Nogueira da Cruz, observando as questões e relações que o romance aborda que contém aspectos oriundos da colonização, embora se trate de um romance moderno. Além disso, pode-se refletir sobre a relação de herança da colonialidade do ser e do poder, principalmente no que diz respeito ao gênero, através da análise realizada que demonstra situações de dominação colonial que também contém associação com o aspecto patriarcal dentro da narrativa.

**PATRIARCHY AND VIOLENCE IN ARLETE NOGUEIRA DA CRUZ:  
GENDER COLONIALITIES IN THE ROMANCE *COMPASSO BINÁRIO***

**Abstract:** This work seeks to explain, from the decolonial theory, dogmas and oppressive precepts that circumscribe the dominating x dominated relationship, which comes very similarly to the colonizing x colonized relationship, explaining that even in the absence of colonial politics, the existence of coloniality is crepted through the modern world. Thinking about how these issues affect the literary environment, we seek to make an analysis of the work *Compasso binário* (1972), by Arlete Nogueira da Cruz, which is usually marginalized, both because it is written by a woman and by the issues involving taboos, portraying oppressive patriarchy and violence against the female body, thus focusing on gender coloniality. Thus, this work explains the analysis of the characters Baianinha and Natalia, being a prostitute and the other student and medical intern, and consequently are part of different wings of Ludovicense society, however the characters have their lives crossed in the narrative from male domination and violence. Thus, it is based on the general objective of performing an analytical reading under the approach of the decoloniality of the Maranhão novel *Compasso binário* (1972) by the writer Arlete Nogueira da Cruz; regarding the specific objectives, the aim is to verify how the novel *Compasso binário* relates to the aspects that reverberate gender coloniality; and, to analyze how the situations of pater-colonial domination that are problematized in the narrative. For this, the studies of Lugones (2008), Maldonado-Torres (2016), and Mignolo (2017) are used.

**Keywords:** Patriarchalism; Violence; Gender Coloniality; Arlete Nogueira da Cruz; Compasso Binário.

## REFERÊNCIAS

bell hooks. *Não sou eu uma mulher: mulheres negras e feminismo*. 1 ed. 1981; Tradução livre para a Plataforma Gueto, Janeiro 2014.

CORRÊA, Dinacy. *Da Literatura Maranhense: O Romance do Século XX*. São Luís: EDUEMA, 2015.

CRUZ, Arlete Nogueira Da. *Compasso Binário*. In: *Trabalho manual: prosa reunida*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1998.

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque (org.). *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. 38-51.

LUGONES, María. Colonialidade e gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque (org.). *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. 53-83.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; GROSFUGUEL, Ramón; MALDONADO-TORRES, Nelson (org.). *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. 1. ed. -- Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2018.

MIGNOLO, Walter D. *Colonialidade, o lado mais escuro da modernidade*. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2017.

PATEMAN, Carole. *O contrato sexual*. Tradução Marta Avancini. Rio de Janeiro: Paz e terra.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005, pp. 117-142.

*Recebido em: 01/12/2021.*

*Aprovado em: 20/12/2021.*